

## COMO SER FELIZ AOS NOVENTA ANOS DE IDADE EM UMA BICICLETA

Geralda Medeiros Nóbrega<sup>1</sup>

Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, propomos refletir sobre as categorias sexualidade, velhice e memória em relação ao romance *Memória de minhas putas tristes* (2009), do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Em tal narrativa, o narrador-personagem, prestes a completar noventa anos, mostra-se como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania, o que possibilita uma ressignificação de sua velhice. Decide dar a si mesmo como presente de aniversário uma noite com uma virgem; a adolescente que foi selecionada para ele, apelidada de Delgadina, acaba imprimindo um novo rumo a sua vida. A fim de que possamos discutir os significados e percepções com os quais nos deparamos ao longo do texto de García Márquez, recorreremos a uma base teórica que acoberte o estudo de modo satisfatório, recorrendo a estudiosos como Foucault (1985, 1998), Merleau-Ponty (1999, 2000), Marzano-Parisoli (2004), Santaella (2004), Ortega (2008), entre outros.

**Palavras-chave:** sexualidade, velhice, memória.

## HOW TO BE HAPPY ON A BICYCLE AT THE AGE OF NINETY

**ABSTRACT:** In this article, we advance a reflection upon the categories of sexuality, old age and memory in relation to Gabriel García Márquez's novel *Memories of my melancholy whores*. In this narrative, the first-person narrator, who is about to reach the age of ninety, is represented as an autonomous being, being able to exercise full citizenship, which resignifies his old age. He decides to give himself a night with a young virgin as a birthday gift; Delgadina, the adolescent selected for him ends up imposing a new path to his life. In order for us to discuss our perceptions in relation to García Márquez's novel, we will draw theoretical principals from Foucault (1985, 1998), Merleau-Ponty (1999, 2000), Marzano-Parisoli (2004), Santaella (2004), Ortega (2008), among others.

**Keywords:** sexuality, old age, memory.

Esta obra com que trabalhamos de certo modo desconstrói o discurso de Simone de Beauvoir, em um clássico da literatura sobre velhice, publicado na França em 1970: “Quando eu digo que trabalho num ensaio sobre a velhice, quase sempre as pessoas exclamam: ‘Que ideia!... Mas você não é velha! Que tema triste...’” (BEAUVOIR, 1990, p. 8).

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. [geraldamnobrega@hotmail.com](mailto:geraldamnobrega@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista do CNPq. [caioamnobrega@gmail.com](mailto:caioamnobrega@gmail.com).

Nestas memórias, o narrador descobriu o segredo de envelhecer bem:

Fazia meses que tinha previsto que minha crônica de aniversário não seria o mesmo e martelado lamentos pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice. Comecei por me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele dia (MÁRQUEZ, 2009, p. 12).

Mascaro (2004), em seu livro *Velhice*, lembra que a velhice valorizada é representada por aqueles idosos que enfrentam desafios, fazem projetos para o futuro, enfim, mostram-se criativos e joviais. O narrador de *Memória de minhas putas tristes* (2009), compreendeu o sentido da velhice e nos patenteia com um verdadeiro tratado sobre a evolução do envelhecimento, com tudo que possa acarretar.

A personagem narradora resolve dar a si uma noite de amor louco com uma adolescente virgem, em seu aniversário de noventa anos. Mantém contato com Rosa Cabarcas, dona de um bordel, que o chamava de “meu sábio triste” e lhe perguntou alarmada: “Mas o que é que você está querendo provar a si mesmo? Nada, respondi, machucado onde mais doía, sei muito bem o que posso e o que não posso” (MÁRQUEZ, 2009, p. 8). O narrador, visto como um anti-herói, talvez pelo modo desabrido como quer realizar seus desejos, é solteiro e mora na casa que foi de seus pais. Acha-se feio, tímido e anacrônico. Jornalista, escolhe como tema de sua crônica seu próprio aniversário e resolve escrevê-la como “uma glorificação da velhice” (MÁRQUEZ, 2009, p. 12)

A *persona* vai descrevendo a sua velhice. Cita as dores que sente no dia a dia e diz que quase sempre surgem em lugares diferentes. Reconhece que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam. Em relação à vida sexual, assim se manifesta:

Minha idade sexual não me preocupou nunca, porque meus poderes não dependiam tanto de mim como delas, e quando querem elas sabem como e o porquê. Hoje em dia dou risada dos rapazes de oitenta anos que consultam o médico assustados por causa desses sobressaltos, sem saber que nos noventa anos são piores, mas já não importam: são os riscos de estar vivo. Em compensação, é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam (MÁRQUEZ, 2009, p. 14).

Em se tratando de memória de velhos, lembramos Arcuri (2004) que diz ser a memória de muita valia para o processo de desenvolvimento, pois é a experiência de vida que se

apresenta, podendo ser reorganizada, trazendo mudanças significativas para o ser humano. E nós acrescentamos que a memória pode ser ressignificada como o fez a *persona* ora estudada.

O narrador lembra que, aos cinquenta anos (quinta década), começou a imaginar o que era a velhice quando notou os primeiros ocos da memória, procurando os óculos quando os estava usando, tomar duas vezes o café da manhã, contar a mesma história várias vezes aos amigos, esquecer os nomes dos conhecidos, entre outros. Segundo Santo Agostinho (1986), a memória retém o esquecimento e o reproduz como lembrança. Se a lembrança falha, então fica mais complexo para recuperar o fluxo do esquecimento.

A velhice não pode ser separada do processo de envelhecimento. Os velhos, talvez por cultivarem a solidão, desenvolvem uma percepção aguçada do que está em seu redor, especialmente em relação ao preconceito por eles sofrido. Na narrativa de Márquez, porém, detectamos quase como um hino de amor à vida, pelo reconhecimento dos aspectos positivos que o narrador vivencia, o qual diverge do discurso explicitado por Beauvoir. Mucida (2004, p. 99), inspirando-se em Lacan, explicita que “[o] ideal do eu desempenha uma função ‘tipificadora no desejo do sujeito’ e, encontrando-se ligado a toda economia libidinal, é fundamental no enlaçamento do sujeito ao outro”. Nestas memórias, observamos que o narrador age com um certo capricho, antecipando-se na realização de seu desejo e se sobrepondo a qualquer objeção que aparecesse.

Gaba-se de nunca ter se deitado com mulher alguma sem pagar, considerando ser isto uma ética própria. Teve, no entanto, uma relação estranha com a fiel Damiana, porque viu o descoberto de suas “coxas suculentas”. Praticou sexo anal e ouviu de Damiana:

Ai senhor, disse ela, com um queixume lúgubre, isso não foi feito para entrar, mas para sair [...]. Humilhado por tê-la humilhado, quis pagar a ela o dobro do que custavam as mais caras daquele tempo, mas não aceitou nenhum tostão, e tive que aumentar seu salário com o cálculo de uma montada por mês, sempre enquanto lavava roupa e pela retaguarda (MÁRQUEZ, 2009, p. 17).

O próprio narrador não se sente à vontade com seu comportamento, mas não o corrige e desenvolve como um projeto a sua prática que se apresenta como um ritual, espécie de estigma que atinge a mulher, que não teve como se insurgir contra o patrão. Também neste contexto, convém instalarmos o erotismo, aqui visto como um relacionamento sexual repentino, fácil e desenfreado. O narrador nunca amara em sua longa vida, mas buscou outros caminhos. Por isto nos unimos a Paz (1991, p. 75), quando explicita:

A sexualidade é animal, é uma função natural, enquanto o erotismo se desenvolve na sociedade. A primeira pertence ao domínio da biologia, o segundo ao da cultura. Sua essência é o imaginário: o erotismo é uma metáfora da sexualidade.

É preciso chamar a atenção ao tratamento que o narrador dá a sua velhice, vivenciada com tranquilidade e autonomia, investindo nos arranjos da sexualidade e se dando ao luxo de cultivar o erotismo, já enveredando para o âmbito da cultura.

Combina com Cabarcas que consegue para ele uma menina de catorze anos. Chegado à casa da cafetina, ele acerta os últimos detalhes, inclusive descobrindo que a garota tomara bebida de valeriana com brometo e dormia profundamente: “Continua dormindo, disse. Você faria bem em deixá-la descansar tudo o que o corpo pedir, sua noite é mais longa que a dela” (MÁRQUEZ, 2009, p. 31).

Um novo ritual se inicia. A menina dorme nua, em posição fetal. Enquanto isso, à *persona* examina cada detalhe do corpo e a vê como “um meigo touro de briga” (MÁRQUEZ, 2009, p. 32). Sentando-se nu na cama, enche-a de carícias; não consegue despertá-la, mas uma corrente cálida subiu pelas veias e o lento animal aposentado despertou de seu longo sono. A *persona* capta a reivindicação de o corpo não ser tratado como imagem, recuperando para isso experiências sensoriais, formas de tocar a carne, vias de acesso ao corpo vivido.

Enquanto avalia o corpo da menina, o narrador parece sentir que “[a]s marcas corporais localizam, no corpo os critérios de avaliação subjetiva, e o que é certo e errado” (ORTEGA, 2008, p. 62); acrescentamos ainda, na esteira de Ortega (2008, p. 62): “o simbólico é reduzido ao Real, ele é incorporado, encarnado. A passagem do simbólico ao real acontece pelo e no corpo”.

O narrador, pois, em contato com o real, saindo do espaço onírico, muda de atitude: “Naquela noite descobri o prazer inverossímil de contemplar, sem as angústias do desejo e os estorvos do pudor, o corpo de uma mulher adormecida” (MÁRQUEZ, 2009, p. 35). Esquece os rancores do passado. Quanto à menina, ainda está dormindo e continua dona absoluta de sua virgindade. O narrador, no entanto, ao sair do bordel, reconhece ser ele a coisa mais parecida com o paraíso. Sente que precisa mudar de vida e começa por respeitar sua serviçal. A própria fiel Damiana admite, então, ter sido apaixonada por ele por vinte e dois anos e, apesar de isso não servir mais de consolo, diz-lhe feliz: “O senhor não vai acreditar, mas continuo sendo virgem, graças a Deus” (MÁRQUEZ, 2009, p. 46).

Apesar de mostrar-se por vezes desejoso de encerrar seu *affaire*, o narrador decide dar continuidade, dizendo a Cabarcas: “Quero que a menina me espere como Deus a botou no mundo e sem vernizes na cara” (MÁRQUEZ, 2009, p. 62).

Passa, assim, uma outra noite com a menina, novamente adormecida. Ele canta para ela junto ao seu ouvido e enxuga seu suor continuamente, tendo isto lhe dado um imenso prazer, “um prazer sem limites” (MÁRQUEZ, 2009, p. 64). O narrador está mudando. A subjetividade humana que implica mergulho e reflexão em si mesmo, pode ser o primeiro passo para tomar consciência do espaço de onde emergem sonhos e realizações de escolhas, de modos de vida, controlando o desejo sexual para frear os corpos. A personagem, um jornalista que tinha o apelido de “meu sábio triste”, nunca quis casar e passou a vida perambulando de bordel em bordel, dormindo com mulheres que considerava descartáveis. Descartando o preconceito contra a mulher, vista até então como “descartável”, o narrador deixa claro que o sexo está separado do amor, pois teve uma vida promíscua, usando as mulheres a seu bel prazer, para enfim descobrir o amor aos noventa anos. Rago (2006, p. 149) lembra em relação aos anarquistas que:

Mesmo que concluam pelo fracasso das propostas libertárias, mostram a profunda desestabilização causada pela atuação dos anarquistas naquele período de profunda esperança, em que se anunciava a possibilidade de reorganização da sociedade em bases mais solidárias e criativas.

Esta visão de Rago, com base na revolução espanhola, que associava amor, sexo e anarquia, segundo a estudiosa, são avaliações que não deixam de ser problemáticas, pois o nosso tempo desconstrói o corpo disciplinado e domesticado. A autora assegura, com base em Foucault (1985), o culto ao corpo, para acrescentar a visão de Guattari (1999), ao falar de amor livre, pedindo corpos liberados e abrindo inúmeros territórios desejantes.

O jornalista, tratando das memórias, talvez tenha sido influenciado, mas é adepto do amor livre. Ele, pois, em sendo latino-americano, defende a sua cidadania, com o direito de trabalhar aos noventa anos e o direito de amar, não importa em que condições irreais. Daí dizermos com Arcuri (2004, p. 40): “Na velhice, em especial a memória pode ser de grande valia como processo de desenvolvimento, pois traz toda a experiência de uma vida, que pode ser reorganizada, trazendo mudanças significativas na vida do ser humano”.

O narrador mandava preparar o corpo da amada, uma ninfeta entre catorze e quinze anos, e se contentava em acariciá-la, embora não lhe conhecesse nem o som da voz, uma vez que ela estava sempre sobre o efeito de “valeriana”. Cantava no seu ouvido, os dois nus, embora

pouco tempo depois ele pusesse cueca e mais tarde, quando já mais familiarizado, usasse pijama.

As suas crônicas eram consideradas uma relíquia arqueológica e seus leitores se deram conta de que “elas não eram só para velhos mas para jovens que não tiveram medo de envelhecer” (MÁRQUEZ, 2009, p. 45). A quem pergunta por que não casou, responde com a verdade: “as putas não me deram tempo para casar” (MÁRQUEZ, 2009, p. 45).

A sua irreverência é chocante e o coloca num espaço libidinoso, máquina de projetar a sexualidade, do que resulta “o erotismo, que é sexualidade transfigurada pela imaginação humana, não desaparece em nenhum caso. Muda, transforma-se continuamente e, não obstante, nunca deixa de ser o que é originalmente: impulso sexual” (PAZ, 1994, p. 24).

O impulso erótico/sexual é tão intenso que provoca alucinação, despertando nele uma sensação de que ela estava presente em sua casa:

Eu a havia sentido tão perto durante a noite que sentia o rumor do seu respirar no quarto de dormir, e a pulsação de sua face em meu travesseiro [...]. Recordava como preparou no dia seguinte o café da manhã que nunca houve [...]. Nunca esqueci seu olhar sombrio enquanto tomávamos o café da manhã: Por que você me conheceu tão velho? Respondi com a verdade: A idade não é a que a gente tem, mas a que a gente sente (MÁRQUEZ, 2009, p. 68).

O imaginário, movimentando a imaginação, aciona uma nova realidade que atinge as dobras do surreal; neste jogo de ver o ausente, ouvir o que não está presente, captar o odor do distante, o sujeito se submete a uma desilusão pela percepção frustrada no seu campo perceptivo, o que nos faz recorrer a Merleau-Ponty (2000, p. 48), para dizer com ele: “O que posso concluir dessas desilusões ou decepções é, portanto, que talvez a ‘realidade’ não pertença definitivamente a nenhuma percepção particular, e que, neste sentido, está sempre mais longe”, podendo passar por um processo de mutação, pelas mudanças de sensações emanadas da corporeidade. O sentir ou o não sentir vai inspecionar as possibilidades de reorganização do captável. É o que podemos chamar de corpo onírico? O corpo que se distingue do corpo real como produto de conceitos culturais e se caracteriza como aquele “criado pela experiência individual, descrições pessoais de sinais, sensações e fantasias que não necessariamente coincidem com definições materialistas coletivas” (MINDELL, 1989, p. 21).

Nessa (des)ilusão, o narrador a tem na memória com tamanha nitidez que fazia dela o que queria: mudava a cor dos olhos, vestia-a de acordo com as condições exigidas por sua fantasia, cantavam duetos de amor e usufruíam dessa felicidade, para dizer em seguida: “Hoje

sei que não foi uma alucinação, e sim um milagre a mais do primeiro amor da minha vida aos noventa anos” (MÁRQUEZ, 2009, p. 69).

Nós diremos, no entanto, para aclarar o pensamento do narrador, que tudo isto é um processo perceptivo. De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 296): “é preciso reencontrar para aquém da ideia de sujeito e da ideia de objeto, o fato de minha subjetividade e o objeto no estado nascente, a camada primordial em que nascem tanto as ideias como as coisas”.

O narrador via Delgadina em suas recordações sempre “nua e dormindo na santa paz do lado do coração” (MÁRQUEZ, 2009, p. 71). Parece-nos inverossímil a estrutura deste romance em que o namorado só a vê dormindo e sequer conhece o som de sua voz. Deitando-se a seu lado, ele descobre que “vendo-a e tocando-a em carne e osso, me parecia menos real que em minhas lembranças” (MÁRQUEZ, 2009, p. 71). É preciso, pois, repensar a percepção como inerência do corpo ao mundo e ao organismo vivo, o que significa ter de abordá-la do ponto de vista vivido ou fenomenológico, isto é, enquanto relativa à corporeidade e à subjetividade (SOMBRA, 2006).

Impregnado das sensações provocadas pelo corpo de Delgadina, o narrador vai delineando a sua nova identidade: “virei outros [...]. Flutuava entre nuvens erráticas e falava sozinho diante do espelho com a vã ilusão de averiguar quem sou” (MÁRQUEZ, 2009, p. 75). Para ele, o que consagraria sua verdade era poder afirmar: “Estou louco de amor” (MÁRQUEZ, 2009, p. 75).

Cabarcas não entendia como ele podia se satisfazer com aquela situação e disse-lhe: “Bem, vai ver é isso que os médicos chamam de demência senil” (MÁRQUEZ, 2009, p. 70). O narrador muda até mesmo o espírito de suas crônicas dominicais, “obnubilado pela evocação inclemente de Delgadina adormecida” (MÁRQUEZ, 2009, p. 75). Reconhece-se “com a voz de um homem de noventa anos que não aprendeu a pensar como velho” (MÁRQUEZ, 2009, p. 76).

Esta obra de memória serve como modelo de como deve ser encarado o envelhecimento. Debert (2004, p. 13) assim se posiciona: “pensar na visibilidade alcançada pela velhice é atentar para o duplo movimento que acompanha sua transformação em uma preocupação social”, quais sejam: socialização progressiva da gestão da velhice e rever os estereótipos associados ao envelhecimento. O narrador não passa por este processo porque convive muito bem com a velhice e é aceito por todos. O velho precisa ser reconhecido “como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania” (DEBERT, 2004, p. 15). A visibilidade alcançada pela velhice é, antes, um compromisso com um tipo determinado

de envelhecimento positivo (DEBERT, 2004, p. 23). A compreensão desta problemática leva Mucida a publicar um livro *O sujeito não envelhece* (2004). Para esta autora, “ao abordarmos a velhice e o imaginário, corpo e imagem, acentuamos a incidência do real e do simbólico na constituição do eu, corporal, e da imagem na medida em que toda imagem porta de real” (MUCIDA, 2004, p. 19).

O narrador desenvolve um imaginário *sui generis*. Por isto é possível reunir na constituição do sujeito todos estes elementos, uma vez que o real atinge nuances de alucinação, a própria imagem colhida pela percepção é representação deste real. A *persona* não complexifica sua realidade. Para esta *persona*, “a idade não é a que a gente tem, mas a que a gente sente” (MÁRQUEZ, 2009, p. 68). Por isto é capaz de se contentar sem o sexo, pois segundo o narrador: “o sexo é o consolo que a gente tem quando o amor não nos alcança” (MÁRQUEZ, 2009, p. 79). Ele se certifica de que Delgadina existia na vida real quando viu a bicicleta dela, que parecia um ferro velho, resolvendo dar-lhe uma bicicleta de presente. Experimentou a bicicleta dando algumas voltas na rampa da loja e, quando disse ao funcionário que ia fazer noventa anos, ouviu dele: “pois parece vinte a menos” (MÁRQUEZ, 2009, p. 81). Saiu da loja cantando e chamando a atenção de todos os transeuntes, que o cumprimentavam. E continua o narrador: naquela semana, em homenagem a dezembro, escreveu outra crônica atrevida: “Como ser feliz aos noventa anos em uma bicicleta” (MÁRQUEZ, 2009, p. 82).

Reconhece, então: “A verdade é que eu não aguentava minha alma e começava a tomar consciência da velhice pelas minhas fraquezas diante do amor” (MÁRQUEZ, 2009, p. 97). Este reconhecimento fornece uma base para a abordagem da fenomenologia da ação no mundo da vida cotidiana, em que se desenvolvem crenças, compulsões, desejos, julgamentos, decisões, vontades, como se verá posteriormente. A *persona* se envolve com a situação dos que, não tendo mais ninguém, estão sozinhos no mundo. Reconhece e assume isso, escrevendo no espelho do quarto com batom: “Minha menina, estamos sozinhos no mundo” (MÁRQUEZ, 2009, p. 80). Parentes não lhe fazem falta, porque ele tem autonomia e por isto ainda pode resolver tudo: “Tais atividades proporcionam a oportunidade de refazer o mundo formando novos significados e interpretações”, segundo opinião de Agich (2008, p. 288). Entre estes significados e interpretações situa-se o amor, que, para este narrador, pode-se representar assim: “Segundo a tradição, o amor é um composto indefinível de alma e corpo; entre eles, à maneira de um leque, se desdobra uma série de sentimentos e emoções que vão da sexualidade mais direta à veneração, da ternura ao erotismo” (PAZ, 1994, p. 190).



Este parece ser o legado do amor do “velhinho” e é também como nós entendemos o amor dele. Mas, muitas coisas aconteceram. Delgadina esteve doente, houve um homicídio no bordel, que foi fechado pela saúde pública e a personagem fica afastada de Delgadina e de Cabarcas, sem saber como identificá-la. Para aumentar a sua angústia, sabe através de um repórter que havia dois cadáveres de moças sem identificação. Aparece uma moça atropelada e a grande coincidência era que sua bicicleta era idêntica à de Delgadina. Novas angústias e sofrimentos, pois, uma vez que o “sábio triste” não a conhecia, não poderia reconhecê-la: fato aparentemente inverossímil, cujo jogo entre lembrar, conhecer e reconhecer afasta a possibilidade de uma significação simplificada.

Recebe notícia de Cabarcas, avisando do retorno, dela e da menina. Vai ao encontro de Delgadina, mordendo os lábios para não chorar e encontra-a na cama, tão radiante e diferente que custa a reconhecê-la: encanta-se com os acertos da natureza mas, coberta de joias, com um rico vestido sobre a cadeira, é mordido pela serpente do ciúme e, enlouquecido, começa a quebrar tudo.

Um vapor estranho subiu de minhas entranhas.

– Puta! – gritei.

A menina estava enroscada sobre si mesma como um caracol e com a cabeça escondida entre os braços: apavorada mas intacta.

– Meu Deus! – exclamou Rosa Cabarcas. – O que eu não daria por um amor como este! (MÁRQUEZ, 2009, p. 103).

Rosa justifica a aparência de Delgadina: tudo que ela estava usando eram coisas muito simples que ela alugava a outras ninfetas. Exigiu, no entanto, que ele pagasse tudo que havia destruído. Posteriormente, conta o seu caso de amor a uma velha amiga, alegando que estava ficando velha, e ela lhe responde: “Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo” (MÁRQUEZ, 2009, p. 109). Manda que ele vá procurar a menina, que a foda com todo o “atributo” de que dispõe e acrescenta: “não vá morrer com a alegria de trepar com amor” (MÁRQUEZ, 2009, p. 111). Isto é prova de que o narrador tem consciência de sua realidade. Daí podemos dar razão a Schirrmacher (2005, p. 50-51), quando afirma: “temos agora de aprender a respeitar o recurso mais valioso do homem, seu tempo de vida” e “a sociedade informatizada não pode prescindir das experiências, autoconsciência, sabedoria e conhecimento das pessoas idosas”, e a *persona* sempre sabe o que fazer e como fazer.

Retoma os encontros com Delgadina e continua com a tática costumeira, velando o seu sono e lhe fazendo todos os agrados possíveis. Rosa Cabarcas insiste em falar, com aquele

“sábio triste”, do amor que a menina sente por ele e arremata o já dito, afirmando: “Esta pobre criatura está zozona de amor por você” (MÁRQUEZ, 2009, p. 127).

O narrador que nos brinda com esta memória, reconhece-se no “horizonte remoto do meu primeiro século” (MÁRQUEZ, 2009, p. 127) e acrescenta: “Era enfim a vida real, com meu coração a salvo, e condenado a morrer de bom amor na agonia feliz de qualquer dia depois dos meus cem anos” (MÁRQUEZ, 2009, p. 127). O “sábio triste” não dispensa o uso adequado da sabedoria, pois faz um pacto com Cabarcas, passando um a ser herdeiro do outro, com a condição de quem ficar por último passe toda a herança para Delgadina. A memória se torna então, prospectiva, isto é, desenvolve “a capacidade de lembrar de fazer alguma coisa no futuro” (STUART-HAMILTON, 2002, p. 220), o que pode ser associado ao cuidado de si.

## ENFATIZANDO O TEMA

O cuidado de si, segundo Foucault (1985, p. 58-59),

ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos - aparece então como uma intensificação das relações sociais. [...] O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um serviço de alma que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de observações recíprocas.

Também tem a ver com a moral sexual, que exige que o indivíduo se sujeite a uma certa arte de viver que define, ainda, sob a ótica foucaultiana, os critérios estéticos e éticos da existência (FOUCAULT, 1985).

Vimos que há todo um campo de historicidade complexa e rica na maneira pela qual o narrador é chamado a reconhecer-se como sujeito efetivo da conduta sexual (FOUCAULT, 1998). O corpo de Delgadina, objeto de desejo do narrador, que não se cansa de acariciá-lo, desperta a ansiedade adormecida frente à corporeidade que opera sobre os anseios do corpo disponível da menina, despertando o comportamento libidinoso, sem a entrega total, pois é na sua representação um corpo escrito, que no plano simbólico desenvolve significados variados, frente ao manejo do interpretante que sabe a que se propõe, para fazer significar. Incluímos Marzano-Parisoli (2004, p. 30) por concordarmos com o seu ponto de vista: “O corpo real ou natural, com seus desejos e suas sensações, torna-se assim ao mesmo tempo uma categoria ao opor ao corpo-texto [...]”. É interessante notar que o narrador não se detém em analisar seu corpo no que se refere à passagem do tempo, como ruga, queda de cabelos, entre outros. Talvez

isto não tivesse importância para ele. E pode ser ainda “uma crise do sujeito, do eu, da subjetividade que coloca em causa até mesmo, ou antes de tudo, nossa corporalidade e corporeidade” (SANTAELLA, 2004, p. 10). O foco da percepção do narrador destaca aspectos que contribuem para ampliar as semioses subentendidas em toda a narrativa. Este trabalho atinge um objetivo implícito: a literatura de memória de velhos, através dos arranjos literários e da percepção do autor, é quase sempre mais do que representação de fatos e acontecimentos, mas é principalmente um exercício de combate ao preconceito.

### Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulinas, 1986.

AGICH, George J. *Dependência e autonomia na velhice: um modelo ético para o cuidado de longo prazo*. São Paulo: Loyola, 2008.

ARCURI, Irene Gaeta. *Memória corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida*. São Paulo: Vetor, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 3.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 2.

GOLDENBERG, Mirian. “Apresentação”. In: GOLDENBERG, Mirian. (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIX, Suely. *Cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memória de minhas putas tristes*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MASCARO, Sonia de Amorim. *Velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MINDELL, Arnold. *O corpo onírico: o papel do corpo no revelar de si mesmo*. São Paulo: Summus, 1989.

MUCIDA, Angela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

\_\_\_\_\_. *A dupla chama: amor e erotismos*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

RAGO, Margareth. “Es que no es digna la satisfaccion de los instintos sexuais? Amor sexo e anarquia na revolução espanhola”. In: SOARES, Carmen (org.). *Corpo e história*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SOMBRA, José de Carvalho. *A subjetividade corpórea: a naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

STUART-HAMILTON, Ian. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

---

Recebido em: 27/02/2016

Aceito em: 21/12/2016